



A Santa Sé

SANTA MISSA DO DOMINGO DE RAMOS

HOMILIA DO PAPA PAULO VI

Domingo, 22 de Março de 1970

A Liturgia de hoje, Domingo de Ramos, apresenta-nos duas páginas do Evangelho, a do ingresso triunfante de Jesus em Jerusalém, e a da sua Paixão. São do evangelista Marcos, testemunha provavelmente ocular dos factos narrados, e a ele confiados pelo apóstolo Pedro, talvez aqui em Roma, segundo o método adoptado pela primeira catequese da nascente comunidade cristã. Das duas páginas escolhemos uma para a nossa meditação, a primeira, mais característica deste dia, o chamado Evangelho do Domingo de Ramos.

Ouvistes há pouco a sua leitura . Pensai no episódio descrito. Na história evangélica é extraordinário, porque público, festivo e intencional. Vimos outras vezes, ao ler o Evangelho, Jesus circundado pelas multidões atraídas pela sua palavra, pelos seus milagres e pela sua figura; mas notámos sempre que Jesus era contrário a provocar aclamações para si; não só, procurava até evitar a popularidade. Desta vez não: Jesus quer ser reconhecido e aclamado, pois, quando alguns fariseus (hipòcritamente, solícitos pela ordem pública, mas na realidade contrariados por todo o povo andar atrás d'Ele - Cfr. *Jo* 12, 19) «...Lhe disseram, do meio da multidão: Mestre, repreende os Teus discípulos. Jesus retorquiu: Digo-vos que, se eles se calarem, gritarão as pedras » (*Lc* 19, 39-40). Qual era a razão desta nova atitude do Senhor? Jesus quer entrar em Jerusalém, naqueles dias repleta de gente, vinda talvez até de longe, para a celebração próxima da Páscoa judaica, duma maneira nova, em forma, digamos assim, oficial. Ele sabe o que O espera, confiou-o aos discípulos: « Vamos subir a Jerusalém e o Filho do Homem (ou seja, o próprio Jesus) vai ser entregue aos sumos sacerdotes e aos escribas, que O condenarão à morte e O entregarão aos pagãos para O escarnecerem, açoitarem e crucificarem...» (*Mt* 20, 18-19). Ele começa assim a sua paixão e quer pôr em evidência não só o seu aspecto livre e voluntário (cfr. *Is* 53, 7; *Hebr* 9, 14; *Ef* 5, 2), mas também o seu aspecto messiânico. Jesus, antes de consumir o seu sacrifício, porque tal é a sua morte, a sua imolação,

quer revelar finalmente e de modo claro quem Ele é e qual a Sua missão. Ele é o Messias e, como tal, quer ser reconhecido, livre e entusiasticamente, pelo Seu povo.

Aqui seria necessário ter uma ideia da riqueza de significado do termo « Messias », que quer dizer Cristo, o homem eleito e consagrado, no qual se concentravam as seculares e proféticas expectativas de Israel, todas as esperanças da nação privilegiada e predestinada a ser, por meio do Messias, o eixo dos destinos do mundo. O Messias era considerado como o Filho de David, o Rei da história guiada pelos desígnios de Deus, o Salvador prodigioso, no qual todas as aflições da humanidade poderiam encontrar remédio (cfr. *Mt* 11,3 ss.). Jesus dará um significado ainda mais profundo, mais dramático e sobrenatural a este título maravilhoso, reivindicá-lo-á, atribuí-lo-á a Si, e quererá que Lhe seja claramente atribuído. E hoje nós recordamos o momento fatídico em que Jesus foi exaltado como Messias, como Cristo. Chegou a Sua hora. O epílogo da Sua vida temporal deverá completar-se com este atributo de Messias. O episódio da entrada de Jesus em Jerusalém assume grande importância, porque resolve os inúmeros problemas relativos à misteriosa figura de Jesus. Quem era Jesus ? « Não é Ele o filho do carpinteiro ? » (*Mt* 13, 55). Uma personagem singular: « O Filho do homem », como Ele próprio se qualificava? Um Profeta? (cfr. *Mt* 16, 14; 21, 11; etc.); era realmente Ele o Messias? (cfr. *Jo* 1, 41), exactamente aquele que há-de vir ? (cfr. *Mt* 11, 3, 5). E Ele o Filho de David ? (cfr. *Mt* 20, 30-31); que há-de ser proclamado Rei? (cfr. *Jo* 6, 15); ou alguém maior e mais misterioso ainda, o Filho de Deus? (cfr. *Mt* 16, 16; *Jo* 1, 49; 8, passim); a dúvida aumenta à medida em que Jesus se abre, revelando o mistério da sua filiação divina, até chegar à pergunta insistente, no processo do Sinédrio, durante a última noite: « És Tu o Messias, Filho do Deus Bendito ? » (*Mc* 14, 61). A identificação da verdadeira personalidade de Jesus é a questão que se encontra em todo o Evangelho, que o torna dramático e trágico no final.

Jesus tinha dado muitas definições de Si, que constituem o objectivo e a delícia da nossa fé. E admirável recordá-las: «Eu sou o Pão da Vida» (*Jo* 6, 48); «Eu sou o Bom Pastor» (*Jo* 10,11); « Eu sou a Luz do Mundo » (*Jo* 8,12); etc... Recordai na última ceia: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida» (*Jo* 14, 6). Mas, no episódio em que estamos a meditar, Jesus não Se define Messias com as palavras, mas com um acto. Não é um acto «triumfalista », mas sim humilde apresentação de Si mesmo, embora pública e estudada, cuja grandeza não queremos considerar no seu aspecto modesto e popular, mas na explosão festiva da multidão, na certeza já adquirida pelo povo e na profissão que especialmente os jovens fazem da sua fé e da sua alegria pelo reconhecimento irreversível do carácter messiânico de Jesus: é Ele, é Ele o desejado há séculos, Ele o esperado por esta geração, Ele a chave de toda a história passada e futura. A curiosidade, a dúvida, a hesitação, o encanto, a admiração que até ali tinham circundado Jesus, explodem já na certeza das entusiásticas aclamações: é Ele, é Ele o Filho de David, o Cristo, o Senhor. Agora prestai atenção. Na Liturgia que estamos a celebrar, este encontro repete-se. A Igreja apresenta-nos aquele episódio, aquele momento decisivo. Jesus apresenta-se diante de nós, humilde e maravilhoso, revelando-Se a Si mesmo. Ele fala, quase sozinho, e o mais impressionante, em tanta festa que O circunda, é que Ele chora. Chora ao olhar para a cidade vizinha. E, apesar

daquela hora de glória, exclama profeticamente, como se dialogasse com ela: « Oh! Se neste dia tivesses conhecido, tu também, O que te pode trazer a paz! Mas isto ficou oculto aos teus olhos » (Lc 19, 42). E, predizendo a futura ruína da santa, mas infiel cidade, acrescenta: «...por não teres reconhecido o tempo em que foste visitada » (*Ibid.* 44).

O significado deste Evangelho do domingo de Ramos, que acabámos de ler, encerra uma pergunta inevitável. Propõe uma escolha, que diz respeito ao destino da nossa vida. Positiva, ou negativa: reconhecemos Jesus por aquilo que é, o Cristo? Ou seja, o Messias, o enviado de Deus que veio à terra para dar a salvação à humanidade ? Ou para ser o « sinal de contradição » entre nós (Lc 2, 34), a agulha de mudança entre os dois caminhos fatais, da salvação ou da perdição, da vida ou da morte? Teremos nós o feliz intuito, a espontaneidade, o júbilo e a audácia de proclamar, ainda hoje, que Jesus é Ele, a nossa escolha, é Ele o nosso Redentor necessário e suficiente; que Ele veio por todos e cada um de nós; Ele, o Mestre, Ele, o Amigo, Ele, «a ressurreição e a vida» (Jo 11, 25)? Sim, Ele, o caminho, Ele, a verdade, Ele, a vida das nossas existências e da comunidade de todos aqueles que crêem n'Ele, que d'Ele se fiam, que por Ele se sentem amados e a Ele oferecem o seu pobre e grande amor?

Jesus, o Cristo, cruza ainda hoje, cruza sempre e em todos os lados, os caminhos da humanidade e apresenta-Se como a grande interrogação, como a escolha última e decisiva, que cada homem e cada povo é chamado a fazer. Jesus é a grande responsabilidade da história de cada existência humana, Jesus é o supremo grau de tensão da liberdade da vida consciente. Jesus é o último e o primeiro laço, onde o nosso destino se define. Jesus é o convite mais íntimo e pessoal que jamais pode ser dirigido à nossa consciência lúcida e operosa.

Apelo aos jovens

Este discurso, elementar e essencial, onde se resume o « Kerigma », o anúncio, a proclamação do Evangelho, é para todos; mas é dirigido especialmente a vós, jovens; a vós que convidámos para este rito pascal, e que representais a geração juvenil de hoje. Ousamos falar-vos directamente, porque vós, como no Evangelho do Domingo de Ramos, sois protagonistas do sempre dramático encontro de Jesus, o Cristo dos séculos, com a humanidade. Actualmente muitas pessoas falam dos jovens, mas parece-me que não são muitos aqueles que falam aos jovens. Talvez não saibam, talvez não se fiam. Nós falamos-vos, porque um dever inelutável nos obriga a fazê-lo. E fazemo-lo como quem vos quer bem; como os vossos Pais, como os vossos Professores, e ousamos dizer, com uma palavra ainda maior, mais profunda do que a deles, porque a Nossa palavra, para sermos mais exacto, não é Nossa, mas do próprio Cristo, de quem não somos mais que um humilde eco fiel.

Gostaríamos de Nos fazer compreender. Quereis ouvir-Nos ? Se assim é, primeiro ouvi-vos a vós mesmos. Que vozes brotam do interior dos vossos espíritos? Experimentai a conceder-vos alguns momentos de silêncio interior. Que ouvís? Julgamos que ouvís muitas vozes confusas, algumas

vezes até estrepitosas. Que vozes são ? São as vozes do mundo que vos circunda, e que sentis ressoar dentro de vós: as que se ouvem em casa, na escola, entre os companheiros, vozes que começam a sobrepor-se às outras; são as vozes do nosso tempo, do nosso mundo. Palavras enormes e difíceis, músicas agradáveis e frívolas, gritos humanos que começam a tornar-se impressionantes e que geram dentro de vós outras vozes, que são vossas. São as vozes dos primeiros juízos e das primeiras experiências, vozes algumas vezes perturbadoras e atraentes: chamam-lhes curiosidades, fantasias, tentações. São elas que começam a suscitar em vós as vozes que depois se tornarão imperiosas, as vozes dos desejos, que querem dar à vida — tende cautela! — o seu sentido, o seu valor e o seu destino. São as vozes pessoais.

Nunca as ouvistes? O que é que vos dizem? Qualquer coisa de ideal, muito belo e muito difícil; tão difícil que às vezes vos tornais impacientes, outras vezes iludidos, outras, ainda, tristes. São as vozes que proclamam liberdade, verdade, amor. Ou melhor, grandeza, heroísmo, felicidade. São as vozes próprias da vida. São sinceras ou são fingidas? Podemo-las encher de realidade, ou ficam vazias e tiram-nos a confiança na vida ? Tornam-nos bons ou maus? Dão-nos a alegria da acção e a esperança de alguma coisa que não morre, ou tornam-nos rebeldes e desejosos de protestar e de destruir? Afastam-nos de nós próprios e da nossa sociedade, ou fazem-nos prelibar e até mesmo saborear, em certa medida, a autenticidade da nossa conquista de nós mesmos e de relações justas com os outros ?

Não queremos continuar com esta introspecção, com esta psicanálise moral e social. Dizemo-vos simplesmente, mas com a fé e o amor de que somos capaz, que para todas estas maravilhosas e insistentes perguntas existe uma resposta suprema. Há Alguém, que é Ele próprio resposta. Uma Palavra, que é uma Pessoa. Uma Pessoa, que se chama luz: « Eu sou a Luz do mundo », diz Ele (*Jo* 8, 12). Uma Pessoa que se apresenta como guia: « Quem Me segue não andarás nas trevas... » (*Ibid.*). Uma Pessoa, imaginai, que diz de Si: « Eu sou o Pão da vida » (*Jo* 6, 48). Poderíamos continuar, mas vós compreendestes. Aquela Palavra, aquela Pessoa, é Jesus, é o Cristo, « o Qual para nós foi feito por Deus sabedoria, justiça, santificação e redenção » (*1 Cor* 1, 30). Ele é Quem dá à nossa existência o seu verdadeiro amor, a sua intangível dignidade, a sua liberdade responsável, o seu autêntico valor, o seu pleno amor. É Ele o nosso Salvador; é Ele a cabeça do nosso corpo imenso e em formação, que é a humanidade crente e remida, a Igreja.

É Ele Quem nos perdoa e nos faz capazes de coisas maiores do que nós, é o defensor dos pobres, o consolador dos que sofrem, numa palavra, o nosso Messias, é Cristo, Jesus Cristo!

Conheceis este Messias? Seríeis capazes de O reconhecer? Também vós O aclamais, hoje, com a resposta glorificante da vossa fé e do vosso ideal ? Muito bem: felizes de vós se o compreenderdes e o puserdes em prática (cfr. *Jo* 13, 17).

©Copyright - Libreria Editrice Vaticana